

Terremotos e ondas de calor causaram grande número de mortes em todo o planeta

O mercado segurador mundial pagou US\$ 12 bilhões em indenizações devido às perdas econômicas de US\$ 35 bilhões ocorridas no primeiro semestre de 2015 por ocorrência de catástrofes naturais, segundo dados de um estudo divulgado hoje pela resseguradora Munich Re. O valor segurado está abaixo da média de US\$ 15 bilhões registradas nos últimos anos. “As catástrofes naturais no primeiro semestre do ano nos mostram mais uma vez que a vulnerabilidade às catástrofes naturais deve ser reduzida, particularmente em países emergentes e em desenvolvimento. Isto é necessário antes de tudo para garantir que as pessoas estejam mais bem protegidas, mas também para manter as perdas no menor patamar possível”, disse Torsten Jeworrek, membro do conselho da Munich Re, responsável pelos negócios globais de resseguro.

“Ao mesmo tempo, vemos como os ciclos climáticos naturais, como o El Niño, podem ter diferentes influências sobre a ocorrência de eventos climáticos extremos em nível regional. Por isso, é importante combinar resultados de pesquisa com as tendências em estatísticas de perda. Queremos manter nossa posição como pioneiros e promover medidas concretas para reduzir as perdas”.

O primeiro semestre de 2015 foi caracterizado pelo terremoto no Nepal e pela onda de calor que atingiu a Índia e o Paquistão. Cerca de 12 mil pessoas foram vítimas dessas duas catástrofes naturais. No mesmo período, mais de 16 mil pessoas em todo o mundo morreram em eventos climáticos severos e terremotos.

Em 25 de abril, um terremoto de magnitude 7,8 causou devastações por todo o Nepal, sobretudo na capital Kathmandu. Um total de 8.850 pessoas foram mortas e muitos sítios do patrimônio cultural foram destruídos. Não foi apenas a catástrofe natural com o maior número de mortes no primeiro semestre do ano, mas também o evento mais grave em termos de perdas globais. Estes somaram US\$ 4,5 bilhões, dos quais apenas US\$ 140 milhões estavam segurados. “A escala das perdas para o Nepal se torna clara ao examinarmos a força econômica do país: as perdas foram responsáveis pelo equivalente a quase um quarto do produto interno bruto anual do país. Duas semanas e meia mais tarde, mais de 230 pessoas perderam a vida em um terremoto de 7,3 de magnitude”, revela o estudo.

A mais cara catástrofe natural para a indústria de seguros no primeiro semestre do ano foi uma série de tempestades de inverno que atingiram o nordeste dos Estados Unidos e do Canadá no final de fevereiro. A perda segurada foi de US \$ 1,8 bilhão, com perdas totais de US \$ 2,4 bilhões.

Além disso, tal como no ano anterior, o inverno no nordeste nos EUA foi excepcionalmente frio e com muita neve. Em Boston, quase três metros de neve caíram durante os meses de inverno – um recorde absoluto. A neve transportada para fora da cidade foi empilhada no porto, alcançando um tamanho tal que ainda apresentava muitos metros de altura no final de maio. A partir do rigoroso inverno de 2014/15, os EUA contaram com perdas globais diretas de US\$ 4,3 bilhões, dos quais US\$ 3,2 bilhões estavam segurados. Esses números não incluem perdas indiretas por voos atrasados, falhas de energia e interrupções de negócios. O curto período de janeiro até o final do inverno foi responsável por US\$ 3,8 bilhões de perdas totais e US\$ 2,9 bilhões de perdas seguradas.

Entre abril e junho, também houve uma série de eventos climáticos severos no sul dos EUA, bem como no México, que foram bastante incomum para a região em termos de gravidade. Cada evento resultou em perdas de mais de US\$ 1 bilhão, dos quais US\$ 750 milhões aproximadamente contavam com seguros. Nos primeiros seis meses, as perdas nos EUA, a partir de eventos climáticos severos como estes, em alguns casos acompanhadas de tornados ou granizo, causaram perdas de US\$ 6,5 bilhões, dos quais US \$ 4,8 bilhões tinham seguros.

A mais cara catástrofe natural na Europa foi a tempestade de inverno Niklas, que varreu grandes áreas da região Central nos últimos dias de março, com ventos atingindo um máximo de 200 quilômetros por hora e danificando vários edifícios e veículos. A perda global foi de US\$ 1,4 bilhão (€ 1,3 bilhão), dos quais cerca de US\$ 1 bilhão (€ 900 milhões) tinham seguro. De um modo geral, com 13 tempestades de inverno, a temporada na Europa foi relativamente ativa em comparação com a média sazonal de longo prazo de 4,6.

No encerramento do primeiro semestre do ano, houve uma onda de calor excepcionalmente forte na Índia e Paquistão, que causou a morte de 3,6 mil pessoas. Enquanto essas ondas de calor na região não são incomuns antes do início da temporada de monções, as temperaturas, que alcançaram a marca de 47°C, foram excepcionais. Em algumas regiões havia pouco vento, acompanhado de alta umidade, o que só aumentou o efeito extremo das temperaturas.

Em abril, no sudeste da Austrália, uma forte tempestade trouxe até 300 litros de chuva por metro quadrado para New South Wales em um único dia. Casas inteiras foram levadas pela enchente. O navio de cruzeiro Carnival Spirit teve de esperar por dois dias ao largo da costa, enfrentando ondas de mais de dez metros de altura, antes que fosse capaz de entrar em Sydney Harbour. A perda global do evento climático grave foi de US\$ 1,15 bilhão, dos quais US\$ 630 milhões estavam segurados. O Cyclone Marcia, de categoria 5, a mais forte, varreu Queensland, no nordeste do país. A perda global foi de mais de US\$ 800 milhões, dos quais US\$ 400 milhões estavam segurados.

O desenvolvimento de muitos eventos relacionados ao clima este ano é consistente com a forma atual da oscilação climática do El Niño no Pacífico, o que influencia vários eventos climáticos extremos em muitas partes do mundo, afirma o estudo da Munich Re. “Estamos experimentando atualmente condições do El Niño de moderada a forte, quando tempestades severas com tornados acontecem com mais frequência no sul dos EUA. Além disso, muito fortes ciclones tropicais no Pacífico ocorrem mais frequentemente sob essas condições, ao passo que a frequência de furacões no Atlântico Norte tende a diminuir.”

O El Niño deverá tornar-se ainda mais forte no outono, para então diminuir no início do próximo ano. Quanto mais forte é esse evento, mais provável é que a sua oscilação mude para uma fase La Niña no ano seguinte. As influências sobre os diferentes extremos climáticos, em seguida, tendem a ser revertidas.

“Assim, as tendências para 2015, com um grande número de eventos climáticos severos no sul dos EUA, e pouca atividade de furacões no Atlântico Norte até agora, pode, portanto, ser esperado”, explicou Peter Hoppe, chefe da Geo Risks Research em Munique Re. “Da mesma forma, a gravidade da onda de calor na Índia e Paquistão provavelmente foi parcialmente influenciado pelas condições de El Niño.”

Simultaneamente, o pesquisador adverte para a temporada 2015 de furacões. O Furacão Andrew, por exemplo, ocorreu em 1992, ano que vinha apresentando, até então, uma temporada muito tranquila, mas foi um dos ciclones tropicais mais graves já registrados. Com perdas globais de US\$ 26,5 bilhões, dos quais US\$ 17 bilhões estavam segurados, o Andrew continua a ser a quarta tempestade mais cara na história, mesmo ajustado para a inflação. “A fase El Niño tem uma influência sobre a atividade de furacões, mas não sobre se e onde uma tempestade toca a terra firme. Assim, se uma tempestade severa se desenvolve, perdas de alta magnitude são possíveis”, disse Hoppe.

Fonte: [CNseg](#), em 16.07.2015.